

A tribuna do Senado

O Senado viveu esta semana um momento que recordou seus tempos áureos, quando os grandes temas nacionais ali eram abordados e tinham eco em todo o País. Desta vez, o mérito coube ao senador Pedro Simon, do PMDB do Rio Grande do Sul, que, mais do que projetar a Casa no cenário nacional, colocou os pontos nos ii da crise política desencadeada pelo Presidente da República e pelo governador de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho. Saiu mal do episódio, além dos seus dois geradores, o ex-governador Orestes Quércia, acusado por Pedro Simon de ter fugido da responsabilidade de indicar um ministro da Fazenda, a pedido de Itamar Franco, logo que este assumiu a Presidência. Orestes Quércia, na época, presidia o partido. Saiu muito bem do episódio, além de Simon, o ministro da Previdência Social, Antônio Britto, que foi instado pelo presidente Itamar Franco, e pelos aposentados, a continuar no cargo. Num leitura mais profunda do discurso de Pedro Simon, há quem vislumbre nele a luta dentro do PMDB pela condição de candidato do partido à sucessão de Itamar Franco, na eleição do ano que vem.

Muito importante é o fato de ter Pedro Simon — que ocupava até poucos dias o cargo de líder do Governo no Senado e que chegou a ser cotado para a presidência do PMDB — ter lavado a roupa suja de seu partido em público. Isso não é da tradição política brasileira, mais chegada ao conchavo, ao acordo tramado à sorrelfa. A questão ética foi a pedra de toque. Pedro Simon mostrou, não só a seus correligionários mas a todos os parlamentares, que estão contados os dias do fisiologismo. Ou o PMDB se

engaja na defesa dos interesses nacionais, colocando-os acima dos partidos, ou soçobra.

O que se percebe em qualquer âmbito de atuação, seja federal ou estadual, é que os políticos em geral colocam seus interesses mais imediatos acima dos da coletividade. O interesse mais imediato de todos, hoje, é assegurar um bom resultado na eleição do ano que vem. É isso que se nota no comportamento dos chamados presidencialistas.

Seria altamente recomendável que mais senadores e deputados comparecessem às tribunas do Congresso Nacional para pôr em pratos limpos certas jogadas de bastidores, que passam desconhecidas do grande público, mas que são sintomáticas da personalidade e do comportamento daqueles líderes dos quais, às vezes, se tem uma imagem distorcida, para o bem ou para o mal. No momento em que se aprofunda o debate sobre a necessidade de ética na política — que eclodiu depois da derrubada do presidente Fernando Collor de Mello —, é bom ter em mente que o objetivo não deve ser apenas o combate à corrupção. É preciso que os líderes políticos sejam francos e abertos. É preciso denunciar as pequenas picuinhas partidárias, as mesquinhasias pessoais, porque essas, às vezes, escondem problemas bem mais graves. É dever da imprensa fazer este tipo de cobertura. Descobrir e denunciar. O cidadão precisa estar muito bem informado de todos os interesses em jogo quando estiver para decidir sobre o seu candidato à sucessão de Itamar Franco. O pronunciamento do senador Pedro Simon representou um grande serviço à Nação e à modernização dos costumes políticos.